

No nosso tempo, tornou-se claro que o imenso poder e riqueza estavam concentrados nas mãos de alguns homens. Este poder torna-se particularmente irresistível quando exercido por aqueles, controlando e comandando o dinheiro, que também são capazes de gerir o crédito e decidir a quem será atribuído. Desta forma, fornecendo sangue vital a todo o corpo da economia. Eles têm poder supremo do sistema de produção, de modo que ninguém possa ousar a respirar contra a vontade deles.⁹⁶⁶

Na encíclica *Divini redemptoris*, Pio XI desenvolve reflexões bastante usuais sobre a necessidade de tolerância e paciência por parte dos pobres, que têm de estimar mais bens espirituais que bens e prazeres terrenos. E os ricos, como administradores de Deus, devem dar aos pobres o que lhes excede:

Os ricos não têm que colocar nas coisas da terra a sua felicidade nem direcionar à realização de seus esforços ao seu melhor; mas, considerando-os só como administradores que sabem de ter que prestar contas ao Senhor supremo, eles contam como meios preciosos que Deus lhes dá por fazer o bem; e não deixais de distribuir aos pobres os seus excedentes, de acordo com o preceito do Evangelho.⁹⁶⁷

10.6. José Régio: um «homem religioso» em diálogo com Deus

Paula Almeida Mendes

A obra de José Régio, pseudónimo de José Maria dos Reis Pereira (1901-1969), propicia e suscita, ainda hoje, várias reflexões polarizadas em torno da religião e do problema de Deus⁹⁶⁸, que se inscrevem na moldura do drama existencial do autor. Com efeito, a vasta produção literária regiana revela-se um filão textual que alberga um núcleo variado de obras que se estendem desde o romance até à poesia e ao teatro, promovendo uma constelação de temas que equacionam aspetos relacionados com a esfera do cristianismo e,

⁹⁶⁶ Papa Pio XI, *Quadragesimo anno*, 106-9, 1931.

⁹⁶⁷ Papa Pio XI, *Divini redemptoris*, 44-45, 1937.

⁹⁶⁸ Manuel Antunes, «Três poetas do sagrado: Pascoaes, Pessoa, Régio», *Brotéria*, LXV-1 (1957), pp. 42-61; Maria Manuela Gomes de Azevedo; António Ventura dos Santos Pinto, *O Aspecto Religioso em José Régio*, Vila do Conde, 1985; João Marques, *Raízes e percurso de José Régio (1961-1969)*, Vila do Conde, Centro de Estudos Regianos, 2001; João Maria Pereira, *O aspecto religioso na vida de José Régio*, Vila do Conde, Câmara Municipal de Vila do Conde, 2001; Maria Manuela Gomes de Azevedo Pinto; António Ventura dos Santos Pinto, «Crer não crendo: religião e religiosidade em José Régio», in *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor José Amadeu Coelho Dias*, vol. 2, Porto, FLUP, 2006, pp. 199-222.

muito especialmente, com a existência de Deus e a natureza divina de Cristo. Como sublinhou Orlando Taipa, na «Introdução à leitura de “Confissão de um Homem Religioso”», José Régio «sempre debatera e ainda agora [no fim da vida] debatia consigo mesmo e com os outros o problema de Deus, tema central de toda a sua obra»⁹⁶⁹. Eugénio Lisboa, estudioso da obra regiana, realçou já que Régio foi, desde a infância, leitor de obras de natureza religiosa e espiritual⁹⁷⁰. De facto, se pretendêssemos encontrar um ‘leitmotif’ que travejasse essas leituras feitas desde a infância, ele residiria, justamente, na figura de Cristo. Com efeito, obras como *A Vida de Jesus* de Renan, os Evangelhos e a *Imitação de Cristo* – mas também o Antigo Testamento – exerceram uma significativa influência no domínio da sua formação, durante os primeiros anos de vida, e, como sublinha Eugénio Lisboa, serão as bases estruturantes de um pensamento que sempre oscilou entre o ceticismo e a «crença» na esfera religiosa⁹⁷¹, que privilegia como alvo de atenção o Cristo sofrente. Neste sentido, como realçou António Manuel Ferreira⁹⁷², a obra regiana declina as reflexões de um indivíduo em torno de «um Deus sobre cuja existência tinha muitas dúvidas, sobre cuja natureza (admitida já a sua existência) nada sabia, e sobre cujas relações com o homem ignorava tudo»⁹⁷³.

Efetivamente, a preocupação com a esfera divina plasma-se, desde logo, na primeira obra que José Maria dos Reis Pereira, sob o pseudónimo José Régio, dá à estampa, em 1925, intitulada *Poemas de Deus e do Diabo*, que se reveste de uma dimensão quase programática, equacionando a sua crença – ou não crença – no Deus cristão. Relembremos, a propósito, os seguintes versos do poema «Cântico Negro»: «Deus e o Diabo é que me guiam, mais ninguém. / Todos tiveram pai, todos tiveram mãe; / Mas eu, que nunca principio nem acabo, / Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo»⁹⁷⁴.

Neste sentido, valerá a pena recordar as palavras do próprio José Régio, a propósito de questões metafísicas que perpassam pela sua obra: «Desde o meu primeiro livro – *Poemas de Deus e do Diabo* – que entre os vários motivos tocados surgem alguns, sempre os mesmos, com uma obstinação significativa, embora, decerto, a dentro dos limites que são meus: as lutas do bem e do mal; a existência, ou não existência, de Deus, sua intervenção, ou não, na vida da terra; o debate entre a intuição dum Deus imanente e a dum

⁹⁶⁹ Orlando Taipa, «Introdução à leitura de “Confissão dum homem religioso”», in José Régio, *Confissão dum Homem Religioso. Páginas Íntimas*, Porto, Brasília Editora, 1983, p. 11.

⁹⁷⁰ Eugénio Lisboa, *José Régio: uma literatura viva*, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, 1978.

⁹⁷¹ Eugénio Lisboa, *José Régio: uma literatura viva*, ob. cit., p. 35.

⁹⁷² António Manuel Ferreira, «Quando Jesus não é Cristo: a poesia agónica de José Régio», *Teografias*, 1, Aveiro, UA Editora, 2011, pp. 7-24.

⁹⁷³ José Régio, *Confissão dum Homem Religioso. Páginas Íntimas*, Porto, Brasília Editora, 1983, pp. 78-79.

⁹⁷⁴ José Régio, «Cântico Negro», in *Poemas de Deus e do Diabo*, Porto, Brasília Editora, 1978, p. 59.

Deus transcendente; os combates entre a dúvida e a fé, ambas poderosas; as relações de Deus com o homem; as dos seres humanos entre si, quer no plano terreno, quer num que direi sobrenatural; o problema capital da sobrevivência ou extinção da alma; o da sua existência transcendental ou dependência da carne, seu pacto e seu duelo; a hipótese tornada às vezes certeza ou iluminação profunda, de que só um estado de graça original, seguido de uma queda, explica no homem a conflituosa tentação das alturas e dos abismos»⁹⁷⁵.

Como já realçou António Manuel Ferreira, «em *Confissão dum Homem Religioso* (1971), o poeta assume o papel de pensador teológico e tenta racionalizar o seu entendimento de Deus. No entanto, na poesia, o que prevalece é uma ética relacional essencialmente dolorista, tanto ao nível da relação vertical com a divindade, como no plano horizontal da convivência humana. Esta questão tem, naturalmente, consequências na representação literária do Deus cristão. Por um lado, o sofrimento do sujeito lírico não encontra acolhimento compassivo em Jesus crucificado, havendo, por conseguinte, um contraste dilemático entre o pathos humano e a apatheia “divina”. Por outro lado, sendo constantemente reconduzido à solidão narcísica do seu sofrimento, o sujeito sofredor não descobre o caminho que transforme a dor em semente salvífica»⁹⁷⁶. Com efeito, como sublinha o mesmo autor, a poesia de José Régio parece «sinalizar um duplo fracasso: nem se divisa o encontro salvífico com Deus, nem se configura a empatia fraterna com os “irmãos”»⁹⁷⁷.

O poema «Cristo», incluído em *Poemas de Deus e do Diabo*, subverte a tradicional mensagem cristã divulgada pelos Evangelhos: Cristo não surge aqui como o vencedor da morte nem como um herói. Deste modo, José Régio «esvazia» Cristo da sua natureza messiânica, apresentando uma releitura do episódio da Paixão. É bem sabido que os evangelistas, especialmente São João, construíram uma imagem modelar de Cristo, na medida em que «corporiza» o paradigma do mártir. O Evangelho de São João acentua, muito significativamente, o facto de Cristo se apresentar voluntariamente para sofrer a morte: neste sentido, a moldura que configura a Paixão de Cristo não se pauta por uma humilhação, mas sim por uma dimensão de glorificação, na medida em que, até ao último momento da sua agonia, permanece como protagonista e as suas palavras finais – «Tudo está consumado» – adquirem um significado de vitória e não de derrota⁹⁷⁸. Se é possível afirmar que o

⁹⁷⁵ José Régio, «Romagem do Espírito», prefácio a Pe. Moreira das Neves, *Inquietação & Presença. Miguel de Sá e Melo e o movimento modernista*, Edições Juventude, 1942, pp. 36-37.

⁹⁷⁶ António Manuel Ferreira, «Quando Jesus não é Cristo: a poesia agónica de José Régio», art. cit., p. 18.

⁹⁷⁷ António Manuel Ferreira, «Quando Jesus não é Cristo: a poesia agónica de José Régio», art. cit., p. 17.

⁹⁷⁸ Arthur J. Droge; James D. Tabor, «To Die is gain», in *A noble dead: suicide and martyrdom among Christians and Jews in Antiquity*, San Francisco, Harper, 1992, pp. 113-127.

mártir constitui, para a Igreja, uma espécie de herói, na medida em que esta o emula como uma personagem que apresenta traços semelhantes aos dos do herói clássico⁹⁷⁹, tal não se verifica na poesia de José Régio. Para o poeta, Cristo não venceu a morte e, assim sendo, não transmite uma mensagem de confiança para o Homem. O Cristo crucificado que nos apresenta o soneto é o cadáver de um indivíduo «normal», despido de significados transcendentais, teológicos ou escatológicos. Como acentuou António Manuel Ferreira, «não há, portanto, uma efectiva ressemantização religiosa no que diz respeito a Cristo ou a Jesus – o Senhor que já lá estava “crucificado, lívido, esquecido” quando o poeta nasceu»⁹⁸⁰. Destaca-se a sua execução – humilhante, de resto –, que era, em regra geral, aplicada a criminosos. Deste modo, se a Redenção não se opera com o sacrifício de Cristo, «o reino de Deus fica, assim, sem espaço geográfico ou ontológico: nem é terreno, como sugerem os primeiros textos evangélicos, nem celestial ou simbólico como parecem»⁹⁸¹. O poeta recusa-se, assim, a crer na natureza divina de Cristo.

A imagética da poesia religiosa de Régio assume especial destaque no poema «Quinta-Feira Santa»: «Mas o que amo em ti, divino Cristo exangue, / É o que em ti é Dor, e assim a nós te irmana: / Teu sonho imenso, o teu suor de sangue, / A tua carne humana... // E o Cristo avança, à lua, esplêndido e chagado. / Jesus, Deus da Paixão, sim, amo-te, Jesus! / Oh, ser, por teu amor, crucificado / Na tua mesma Cruz!... // Por isso choro em mim a mágoa verdadeira / De ter nascido tarde, e só te vir achar, / Feito em marfim, metal, pedra, madeira, / No cimo dum altar! // E enquanto a marcha expira, além, num estertor, / E o magro Cristo nu vai a desaparecer, / Deliro, e sofro, e gozo a minha Dor / – Meu último Prazer!»⁹⁸². Deste modo, uma leitura do poema permitir-nos-á destacar os ecos da reflexão do sujeito poético em órbita da Humanidade de Cristo. Lembremos que a espiritualidade medieval, assim como a arte românica, tenderam a valorizar a realeza de Cristo, que, na maioria das vezes, era representado com coroa imperial, os olhos abertos e os braços ainda dispostos horizontalmente. Assim, a valorização da imagem de um Cristo sofrente (para utilizarmos a expressão proposta por José Adriano de Freitas Carvalho)⁹⁸³, despojado de atributos conotados

⁹⁷⁹ Francesco Scorza Barcellona, «Dal Modello ai modelli», in *Modelli di santità e modelli di comportamento. Contrasti, intersezioni, complementarità*, org. Giulia Barone; Marina Caffiero; Francesco Scorza Barcellona Torino, Rosenberg & Sellier, 1994, pp. 9-18; José S. Lasso de la Vega, *Eroe greco e santo cristiano*, Paideia, Brescia, 1968, pp. 76, 79; Maria Teresa Fumagalli Beonio Brocchieri; Giulio Guidorizzi, *Corpi Gloriosi. Eroi Greci e Santi Cristiani*, Roma-Bari, Laterza, 2012.

⁹⁸⁰ António Manuel Ferreira, «Quando Jesus não é Cristo: a poesia agónica de José Régio», art. cit., p. 23.

⁹⁸¹ António Manuel Ferreira, «Quando Jesus não é Cristo: a poesia agónica de José Régio», art. cit., p. 18.

⁹⁸² José Régio, «Quinta-Feira Santa», in *Poemas de Deus e do Diabo*, ob. cit., p. 54.

⁹⁸³ José Adriano de Freitas Carvalho, «Evolução na evocação de Cristo sofrente na Península Ibérica (1538-1630)», in *Homenaje a Elías Serra Ráfols, II*, La Laguna, Universidad de La Laguna,

com a Sua Majestade, e, como tal, mais próximo da frágil condição humana, assumirá uma centralidade fundamental no domínio da espiritualidade. E é, justamente, esta dimensão que aqui é evocada e revestida de um especial significado, ainda que os moldes em que Régio equaciona a figura de Cristo tendam, não raras vezes, a perspetivá-la no sentido de uma «invenção» simbólica e cultural⁹⁸⁴.

Em *Confissão dum Homem Religioso*, José Régio revisita novamente, de um ponto de vista crítico, a figura de Cristo⁹⁸⁵. Lembremos as suas palavras: «O enigma da personalidade de Jesus; o peso dessa personalidade humana – e a importância desse peso na minha perda de fé na sua divindade; o lugar – insubstituível – que todavia ficou ocupando Jesus na minha vida interior e religiosa: a admiração ardente e a apaixonada gratidão por um Homem que viveu em tal convívio com Deus (fosse Ele qual fosse!) que pôde ser tomado pela sua própria encarnação»⁹⁸⁶. Nesta obra de cariz mais intimista, José Régio afirma que «depois da sua vinda ao mundo, sempre na terra pode haver esperança do reino de Deus»⁹⁸⁷, assim como confessa que, para si, «Jesus era uma espécie de intermediário [...] com Jesus podia eu haver-me num pé de quase camaradagem ou fraternidade»⁹⁸⁸. Todavia, «tendo deixado de crer – definitivamente – na divindade de Jesus, não era com Jesus que se tratava o prélio. Outro era o Senhor»⁹⁸⁹.

Em 1930, José Régio escreveu *Jacob e o Anjo*, uma peça em três atos, cujo desenvolvimento se orienta a partir de dois eixos: a história bíblica de Jacob, relatada no Antigo Testamento, e a história de Portugal, mais concretamente o reinado de D. Afonso VI.

É bem sabido como a luta que Jacob trava com o Anjo, narrada no Génesis, se reveste de um significado simbólico, na medida em que pode ser interpretada como o desejo do Homem de se encontrar e conhecer interiormente, mas que se inscreve também no contexto da luta do Homem consigo mesmo, com a condição humana e com o seu próprio destino. Neste sentido, a peça de José Régio equaciona os comportamentos e as atitudes humanas e o peso que estes poderão ter na economia da salvação. Na peça *Jacob e o Anjo*, o drama vivido pelo Rei funciona como uma reatualização do dilema experimentado pela personagem bíblica, resultante de uma tensão entre a dimensão física e a dimensão da consciência. O Rei sempre havia privilegiado uma apologia das aparências, apegado aos bens terrenos, tal como Jacob

1970, pp. 47-70.

⁹⁸⁴ Maurice Sachot, *A invenção de Cristo* (trad. Miriam Lopes), Lisboa, Editorial Notícias, 1999.

⁹⁸⁵ Eduardo Javier Alonso Romo, «José Régio visto por ele próprio», *Revista Letras, Curitiba*, n.º 62 (Janeiro-Abril 2004), pp. 97-115.

⁹⁸⁶ José Régio, *Confissão dum Homem Religioso*, *ob. cit.*, p. 83.

⁹⁸⁷ José Régio, *Confissões dum Homem Religioso*, *ob. cit.*, p. 105.

⁹⁸⁸ José Régio, *Confissões dum Homem Religioso*, *ob. cit.*, p. 79.

⁹⁸⁹ José Régio, *Confissões dum Homem Religioso*, *ob. cit.*, p. 79.

se pautava por um comportamento pouco correto (e até mesmo desviante) antes do encontro com o anjo. Isabel Cadete Novais⁹⁹⁰, no seu estudo «Jacob e o anjo»: *construção do texto dramático em José Régio* (2004), realça a importância de que se reveste o desdobramento das personagens no sentido da libertação do Rei: com efeito, apenas uma personagem cuja existência se inscreve na esfera divina poderá desempenhar um papel eficaz no sentido de despertar no Rei a sua consciência através do sofrimento e da morte. Lembremos as palavras da autora: «O Anjo/Bobo como duplo do rei, com quem trava acesa luta dialética, interfere nesta relação a três, ajudando o soberano a libertar-se da sua frágil e funesta condição, mostrando-lhe a impossibilidade de conciliação da dignidade humana com a imagem de um herói impotente e oprimido pela doença e pelos deveres de soberano. E lembra-lhe que a verdadeira vida de felicidade plena só será alcançada quando o espírito se despojar da carne corrupta. A morte terá de ser aceite como libertadora dos males terrenos»⁹⁹¹. Neste sentido, não será despidendo evocar a reflexão tecida por Duarte Ivo Cruz: «Ora o teatro de José Régio surge marcado por uma irresistível vocação universalizante. Aquela luta bem-mal, que percorre todas as peças, será válida em qualquer espaço onde existia o homem, e durará enquanto o homem existir. Teatro de combate, o combate é o do homem contra si mesmo; ou contra o Anjo»⁹⁹².

Em todo o caso, as inquietações de José Régio, no que diz respeito à religião cristã, declinam-se também através de outras personagens que «vivem» nas suas obras. Um dos exemplos que poderemos evocar é o de Benilde, protagonista da peça *Benilde ou a Virgem Mãe*⁹⁹³, que se apresenta como uma mulher que crê no amor infinito e salvífico de Deus. Deste modo, o encontro de Benilde com o anjo comporta um especial significado, na medida em que reatualiza o episódio da Anunciação e da promessa da vinda do Redentor da humanidade.

É bem sabido como, a par da atividade literária, José Régio foi dotado de um ávido afã colecionista, concretizado através da reunião de várias representações escultóricas de Cristo, da Virgem Maria e dos santos, assim como de caixas de esmolas das Almas do Purgatório ou ex-votos⁹⁹⁴. Talvez seja esta uma das expressões mais claras da «religiosidade» de José Régio, que, a avaliar

⁹⁹⁰ Isabel Cadete Novais, *Jacob e o Anjo: A Construção do Texto Dramático em José Régio*, Dissertação de Doutoramento em Estudos Portugueses, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2004.

⁹⁹¹ Isabel Cadete Novais, *Jacob e o Anjo: A Construção do Texto Dramático em José Régio*, *ob. cit.*, p. 218.

⁹⁹² Duarte Ivo Cruz, «Evocação pessoal do dramaturgo José Régio», in AA.VV., *In Memoriam de José Régio*, Porto, Brasília Editora, 1970, pp. 162.

⁹⁹³ José Régio, *Benilde ou a Virgem-Mãe: drama em três actos* (3.ª ed.), Porto, Brasília Editora, 1983.

⁹⁹⁴ Teresa Pinhal, *O Coleccionismo em José Régio*, dissertação de Mestrado em Museologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011.

por muitos dos seus escritos, sempre viveu em uma tensão entre a crença e a não-crença no Deus cristão: um *homo religiosus* em contínuo diálogo com Deus.

10.7. Sobre a genialidade e a liberdade em João Gaspar Simões

Maria João Carvalho

Tendo tido um papel profícuo como crítico literário num palco em que estrelavam nomes como José Régio, Branquinho da Fonseca – com quem, em 1927, funda a revista *Presença*, subintitulada «Folha de arte e crítica» – Adolfo Casais Monteiro, Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro e Almada Negreiros, João Gaspar Simões goza, por isso, de um lugar de destaque na divulgação e eternização do panorama cultural e literário do primeiro meio século XX.

Pese embora muitas palavras deladoras de falta de coerência e de análise crítica e fundamentada que lhe foram e têm sido apontadas, o conjunto de textos *Novos temas, Velhos temas – ensaios de literatura e estética literária*, de 1967, e o de ensaios, *Liberdade de espírito*, de 1948, mistura uma panóplia de pensamentos diversos que, sem obrigatoriamente um fio condutor que não a literatura, consideram autores estrangeiros como Marcel Proust, Franz Kafka, Camus, Balzac, Flaubert ou Dostoiévski, ou portugueses como Eça de Queiroz, Fernando Pessoa ou Mário de Sá Carneiro, e colocam questões como «É o romancista um pensador?» ou «Que é uma obra-prima?» (*Novos temas, Velhos temas*) ou apresentam títulos reflexivos como «Da superficialidade do romance queirosiano [sic]» e «Da falsa naturalidade em poesia» (*Liberdade de espírito*).

Ao percorrer os índices de ambas as publicações, o leitor mais incauto, desprevenido ou simplesmente curioso, experimentará, provavelmente, a sensação de estar perante um ecletismo literário que pode ir sendo explorado passo a passo, confrontando-se com textos curtos, sem quaisquer notas de rodapé, revelando apenas uma breve introdução ou nota explicativa no início das mesmas.

Desta forma, é passível ler pensamentos «livres» sobre «temas» escolhidos por João Gaspar Simões e perceber os campos pelos quais se interessou e sobre os quais refletiu, ainda que, nestas obras, de forma breve e superficialmente.

Por uma questão meramente cronológica, inicia-se estas considerações a partir do conjunto de textos *Liberdade do Espírito* que apresenta «Dialéctica e verdade», do qual se retém, à parte de exemplos de autores que a seguir se afluam, que a essência criadora da obra está na genialidade humana que, tendo-a realizado, não o poderia ter feito sem ter uma história e uma morfologia próprias, isto é, a criação humana está dependente das condições em